

O Português como língua franca:

O caso de Moçambique

Dissertação Língua e Cultura portuguesa

Faculdade de Letras

Livia Lopes (3537021)

Orientadora: Vera Peixoto

Mai de 2012

Resumo

Os descobrimentos portugueses no tempo da expansão marítima fizeram a língua portuguesa expandir. Para comunicar com os negociantes e os nativos o português era usado como língua de contacto, uma língua franca. O principal objectivo deste estudo é analisar o português como língua franca e a posição dela de hoje em dia, particularmente em Moçambique.

As colónias portuguesas viveram séculos sob o domínio de Portugal, faz sentido que a língua portuguesa tenha sido deixada nas colónias. O português é falado por quatro continentes, um deles é África. Cinco países em África têm o português como língua oficial. Alguns desses países há várias tribos que falam diversos dialectos e um deles é Moçambique, que usa o português como língua franca.

A dissertação analisa, entre outro, o período em que Moçambique recebeu a independência e como a língua portuguesa progrediu nesse período. Uma das razões para Moçambique adoptar o português como língua oficial era para nivelar as diferenças entre as línguas locais e para formar uma unidade. Apresenta também como os moçambicanos convivem com a língua do colonizador. Os moçambicanos falam um variante do português, um "português de Moçambique" que é influenciado pelos diversos dialectos que são falados em Moçambique.

A linguagem na literatura moçambicana também é diferente. Este trabalho apresenta como os escritores moçambicanos convivem com a língua portuguesa nas suas obras e apresenta os seus pensamentos sobre a língua. Para criar uma literatura de Moçambique, os autores incorporaram elementos africanos nas suas escritas, resultando em uma nova linguagem.

Hoje, a língua portuguesa ainda é uma língua internacional, milhões de pessoas no mundo falam o idioma. O português ainda é usado como língua franca em África, mas também entre outros países de língua portuguesa. Depois de Moçambique recebeu a independência, havia poucas pessoas que falavam português, mas hoje o número de falantes portugueses em Moçambique está a crescer e está cada vez mais utilizado como língua de comunicação.

Abstract

The discoveries made by the Portuguese Empire led to the expansion of the Portuguese language. To communicate with the merchants and the natives, the Portuguese language was used as a contact language, a lingua franca. The main objective of this study is to analyze Portuguese as a lingua franca and its position today, namely in Mozambique.

The Portuguese colonies lived for centuries under the rule of Portugal, it makes sense that the Portuguese language continues to be spoken there. Portuguese is spoken on four continents and Africa is one of them. Five African countries have Portuguese as an official language. In some of these countries different dialects are spoken, for instance in Mozambique. To communicate with each other Mozambique uses Portuguese as a lingua franca.

This paper analyzes, among others, the post-colonial period in which Mozambique gained independence and how the Portuguese language has progressed since that time. One of the reasons for Mozambique to adopt portuguese as an official language was to equalize the differences between the dialect languages and to form a unity.

The paper also shows how the Mozambicans make use of the Portuguese language. The Mozambicans speak a variant of Portuguese, a "Portuguese of Mozambique," which is influenced by the various dialects that are spoken in Mozambique.

The Portuguese language used in the Mozambican literature is also different. This research takes a look at how the Mozambican authors use the Portuguese language in their writings and presents their thoughts about the language. To create a literature of Mozambique, the authors decided to add African elements into their writings, resulting into a new language.

Today, Portuguese is still a major international language; millions of people worldwide speak the language. The Portuguese language is still used as a lingua franca in Africa, but also among other Portuguese-speaking countries. After Mozambique gained independence, there were few people who could speak Portuguese, but today the number of Portuguese speakers in Mozambique is very high and is increasing as a communication language.

Índice

Introdução		5
I PARTE		6
Capítulo 1	Língua Franca	7
Capítulo 2	Contextualização histórica: a língua franca portuguesa no Império português	9
Capítulo 3	A língua portuguesa no mundo	11
II PARTE		13
Capítulo 4	Contexto Pós-colonial de Moçambique	14
Capítulo 5	A língua e a oralidade na literatura moçambicana	19
Capítulo 6	Futuro de língua portuguesa como língua franca (Moçambique)	23
Conclusão		26
Referências		29
Anexo		33

Introdução

Quase me apetece dizer que não há uma língua portuguesa; há línguas em português

José Saramago

Portugal é uma das mais antigas nações da Europa, um país que devido aos seus descobrimentos foi uma potência mundial, chamada o Império Português. Portugal tinha colónias nos continentes de Ásia, África e América. Esses descobrimentos resultaram na expansão portuguesa e com isso a expansão da língua portuguesa.

Portugal construiu um grande comércio, detinha o monopólio comercial da África e da Índia por quase um século. Para comunicar com os negociantes e as pessoas locais, os falantes portugueses usaram uma língua franca. Uma língua franca é uma língua que é usada quando as pessoas não falam a mesma língua. Neste caso a língua franca foi a língua portuguesa. Naquela época ouvia o português quase no mundo inteiro.

O presente estudo tem como objectivo analisar o português como língua franca e a posição dela hoje em dia. Analisaremos, como exemplo, o caso específico de Moçambique.

O trabalho divide-se em duas partes. A primeira parte explica o conceito de língua franca. Apresenta-se uma definição da palavra língua franca, a importância de uma língua franca e as diferenças entre língua franca, pidgins e crioulos. A seguir no capítulo 2, tratamos a noção histórica, como e porquê é que o português se tornou língua franca. No capítulo 3 será discutido o estado da língua nos continentes, América do Sul, África e Ásia.

Na segunda parte desta dissertação passamos para o caso de Moçambique. No quarto capítulo analisamos o estado da língua portuguesa depois da independência e como os moçambicanos convivem com o uso da língua do colonizador. A propósito, o português falado em Moçambique e o português escrito na literatura moçambicana são uns fenómenos notáveis. Analisamos como os escritores moçambicanos convivem com o uso da língua, aprofundarmos este assunto no capítulo 5. O último capítulo compreende o futuro de língua franca portuguesa em Moçambique.

Por fim é apresentada a conclusão geral desta pesquisa.

I PARTE

“Meus amigos, a verdade é a seguinte: a lusofonia não começou hoje. A nossa língua comum foi construída por laços antigos, tão antigos que por vezes lhes perdemos o rasto”

Mia Couto

Língua Franca

As pessoas que falam línguas diferentes, que são forçadas a contactar umas com as outras, devem encontrar uma outra maneira de comunicar entre si, uma língua franca. Na maioria dos casos, uma língua franca é uma língua nacional que é falada dentro de uma população linguisticamente misturada (Adler, 101). A língua franca é também considerada como uma língua de comércio, língua de contacto, língua internacional e língua auxiliar.

A língua franca pode ser qualquer língua que pode ser utilizada como uma língua de comunicação numa área onde as pessoas não têm nenhuma língua em comum. Uma língua franca pode ser um pidgin (língua de contacto) mas não necessariamente (Adler, 101).

Línguas francas têm uma grande importância política, económica e social em muitas áreas do mundo, principalmente em partes da África e da Ásia que tinham sido anteriormente colónias dos europeus. Nos tempos coloniais, a linguagem do governo, da lei e da administração era geralmente a língua do poder colonial: inglês, francês, espanhol, holandês e português (Adler, 102).

É provável que a língua com mais falantes torna-se numa língua franca. No entanto, em muitos países existem muitas línguas, e não há muito falantes dessas línguas. Escolher uma língua nacional torna-se muito mais difícil e talvez impossível por causa do conflito de interesses dos falantes das várias línguas. Neste caso é mais fácil manter a linguagem do antigo poder colonial como língua franca, pelo menos na administração e no ensino superior do país. Uma consequência é que nenhuma das línguas vernáculas pode tornar-se numa língua de ensino superior, e assim os estudantes são obrigados a aprender uma língua diferente, e não a sua língua materna. Se a língua franca é uma língua europeia, como consequência, aqueles que aprenderam a língua europeia formam uma elite e adquirem um grande poder. Geralmente acontece que eles não querem desistir deste poder e querem continuar a ser o grupo mais influente na sociedade, embora sejam apenas uma pequena parte da população total (Adler, 102-103).

Com o aumento no comércio mundial e da comunicação, a busca de uma língua franca internacional torna-se urgente. Em algumas áreas isso foi conseguido, como na linguagem de pilotos; esta língua é o inglês. Mas isso não quer dizer que o inglês será a língua franca do mundo inteiro e será aceite como tal. Com as mudanças do poder político no mundo, algumas línguas vão perdendo alguma da sua utilização como língua franca, mas as outras aguardam a sua oportunidade (Adler, 103-104).

Uma língua franca pode ser um pidgin, que se pode definir como língua simplificada derivada de duas ou mais línguas. É uma língua de contacto utilizada por dois ou mais grupos de pessoas que não partilham uma língua comum. A estrutura do pidgin é geralmente simples e o pidgin é usado de forma limitada. Os pidgins não sempre sobrevivem. No entanto, se o pidgin é usado por muito tempo, começa a evoluir para uma linguagem mais rica com um vocabulário mais variado e uma estrutura mais complexa. Uma vez que o pidgin evoluía e adquire falantes nativos (as crianças aprendem o pidgin como sua primeira língua), é então chamado de crioulo. Se um pidgin evoluiu para crioulo e este crioulo é aceite como língua nacional, então pode tornar-se numa língua franca (Adler, 101, 1977).

Por exemplo, nos tempos coloniais, quando os escravos foram levados para o Brasil para trabalhar, foram misturados com pessoas de outras comunidades, onde se deparam com dificuldades em comunicar uns com os outros. Para comunicar, eles precisavam formar uma linguagem mediadora. Assim, muitos pidgins e crioulos surgiram por causa da colonização. Nos tempos coloniais, o pidgin era principalmente usado entre negociadores. Há sempre uma língua dominante que contribui com a maior parte do vocabulário do pidgin, o superstrato. Línguas como francês, espanhol, português, inglês e holandês foram as línguas dos colonizadores que se misturavam com as línguas locais.

Contextualização histórica: a língua franca portuguesa no Império português

Houve uma época em que Portugal era o país mais intrépido e promissor a nível internacional. Ao longo de meio século, Portugal era um dos poderosos que percorria os oceanos. A riqueza portuguesa que vinha de possessões ultramarinas e monopólios foi deslumbrante. A causa desta riqueza foram as viagens de descobrimento. Os portugueses foram os primeiros europeus que procuraram um caminho pelo Oceano Atlântico até à Índia, viajando a lugares diferentes e desconhecidos. Portugal conquistou muitos países e deixou neles o seu rasto: a língua portuguesa.

No tempo da expansão marítima portuguesa (século XV) a língua portuguesa tornou-se uma língua internacional. Devido a isso, ela obteve mais falantes. Esses falantes estabeleceram-se nos territórios portugueses na costa de África e também nas outras terras conquistadas como “na Índia em 1498, na América em 1500, na China em 1515 e no Japão em 1543” (Faraco, 13).

Essa expansão de Portugal fez a língua portuguesa “ressoar” em África e na Ásia e também surgiram diferentes línguas de contacto, “como os pidgins e crioulos africanos e asiáticos de base portuguesa” (Faraco, 13-14). Muitas destas línguas desapareceram mas ainda existem algumas por exemplo como línguas nacionais. Podemos encontrá-las em São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde mas também “em pequenas comunidades em Goa e Malaca, com resquícios em Macau e Timor” (Faraco, 14).

Os primeiros esforços para promover a cultura e língua portuguesa no estrangeiro começaram com a conquista de Ceuta em Marrocos em 1415. “Os portugueses foram os primeiros que expandiram a sua língua e cultura pelo Atlântico e pelo mundo” (Ostler, 382).

“O português expandiu-se geograficamente muito mais do que o latim, mas com latim a expansão foi militar. As forças impulsionadoras da expansão portuguesa foram o comércio, a religião e a exploração territorial, não a guerra. As principais exportações dos portugueses foram a língua e a religião. Naquele tempo o português foi sempre visto como língua de comércio, mas também de cultura” (“Síntese”, 25).

O domínio português espalhava-se pelo mar e não pelas terras. O resultado era uma “rede” de portos e paróquias no Oceano Índico principalmente em Diu, Goa e Malaca (“Remarks”). Como foi dito antes, a língua franca é

considerada como uma língua de comércio. Os portugueses dominavam o comércio, base do seu império, e portanto era a língua portuguesa que dominava como língua franca. Quem queria negociar, tinha de falar português. Quando chegaram os navios dos franceses e ingleses para competir com os portugueses, eles tinham de aprender o português. A língua franca portuguesa foi mais falada na Ásia, porque lá havia muito comércio e os portugueses dominavam-no. No século XVIII, após a caída da "rede" do comércio, o português ainda continuava ser muito importante:

"Os mercadores hindús, mouros, árabes, persas, parses, judeus e arménios que fazem comércio com as feitorias europeias [...] são obrigados a falar esta língua, ela serve também de meio de comunicação entre as nações europeias estabelecidas na Índia" (D. Lopes, 85).

A língua franca era mais usada pela "elite" mas foi-se a adaptar aos diferentes locais e evoluiu para tipos de crioulo, que ainda hoje podem encontrar-se. "A linguagem portuguesa expandiu-se como uma língua franca durante os primeiros séculos da colonização ibérica da Ásia, América e África, não apenas falada pelas elites locais, mas logo também pelas classes trabalhadoras e os cristãos recém-convertidos" (Teles, 1).

Em 1580, Portugal foi unido com a Espanha até 1640. Assim, Portugal perdeu o seu império do comércio, porque os espanhóis "não foram bons administradores do império que lhes caiu nas mãos" ("Síntese", 26).

Segundo Nicholas Ostler, "os holandeses que sucederam aos portugueses neste comércio aceitaram o domínio da língua portuguesa. Mas com a excepção de alguns locais, o uso do português foi desaparecendo" ("Síntese", 26).

Quando Portugal recuperou a sua independência da Espanha em 1640, o seu império do comércio na Ásia já estava perdido. Os franceses dominavam o comércio na Índia e os holandeses dominavam o comércio nas Índias Orientais (hoje em dia território conhecido como Indonésia). Embora a língua franca portuguesa fosse ainda dominante no Oceano Índico, a perda do império do comércio na Ásia anulou a possibilidade de a língua portuguesa tornar-se hoje uma língua mundial. Portugal perdeu a sua posição como língua franca na Ásia no século XVIII em benefício do francês e do inglês ("Remarks"). Os franceses e os ingleses mantiveram a sua posição como língua franca e por essa razão, os idiomas francês e inglês são hoje em dia ainda consideradas como língua franca, principalmente o inglês. Presume-se que, se Portugal não perdera o seu império do comércio na Ásia, teria as mesmas vantagens com a língua portuguesa.

A língua portuguesa no mundo

Foi já referido que o português serviu de língua franca na África e Ásia nos séculos XV e XVI. Quando os portugueses começaram a explorar os mares da África, América, e Ásia, tentaram comunicar com os nativos e fizeram isto através da língua portuguesa. Esta língua deixou o seu rasto nesses países. Hoje o idioma português tornou-se a sexta língua mais falada no mundo, com uma comunidade de 240 milhões de falantes, sendo língua oficial em oito países (Teles, 2).

Assim, a língua portuguesa está hoje em dia distribuída por quatro continentes no mundo, a saber, Europa, América do Sul, África e Ásia, “[é] portanto uma língua intercontinental e internacional e é uma das poucas línguas universais deste século” (Aguilar). É língua materna dos habitantes de Portugal e do Brasil e é a língua oficial de Cabo Verde, Brasil, São Tomé e Príncipe, Portugal, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Em Macau e Timor-Leste, a língua portuguesa faz parte de uma das línguas oficiais do país. É também falada na antiga colónia de Goa. “[O] português é falado como língua materna ou segunda pelos membros das várias comunidades de emigrantes na América do Norte (Canadá e Estados Unidos), África (África do Sul), América do Sul (Uruguai, Venezuela) e Europa (França, Alemanha e Luxemburgo)” (Aguilar).

Passaremos agora a uma análise mais pormenorizada.

Como ficou dito, a língua portuguesa está presente nos continentes da América do Sul, África e Ásia:

América do Sul: o Brasil é o único país na América que tem o português como idioma. É o país que tem mais falantes de língua portuguesa, cerca de 190 milhões. Comparando com o português europeu, no Brasil há diferenças regionais na pronúncia e no vocabulário. Isso tem a ver com o facto de “o português no Brasil ter sido influenciado pelas línguas africanas, de imigrantes europeus e línguas indígenas” (“Português”).

Segundo Nicholas Ostler “o crescimento da língua portuguesa no Brasil deve-se ao desenvolvimento económico e crescimento da população” (Ostler, 394).

África: O português é usado muito como língua franca, na administração, ensino, nas relações internacionais e na imprensa. Cinco países em África têm o português como idioma, como está escrito acima. Além do português, esses países têm diversos dialectos (“Português”).

Ásia: “Entre os séculos XVI e XVIII, o português atuou como língua franca na Índia e na Ásia” (Português). Na cidade de Goa, na Índia, um pequeno grupo

ainda fala o português na sua forma original. “Em Damão e Diu (Índia), Java (Indonésia), Sri Lanka e Malaca (Malásia) fala-se o crioulo” (“Português”). Em Timor-Leste umas das línguas oficiais é o português, todavia, o idioma dominante é o tétum.

Com todas essas línguas que convivem nas ex-colónias de Portugal, o português continua a ser usado como língua franca. Por exemplo, em Angola há várias tribos que falam várias línguas. Para comunicar entre elas, usam a língua portuguesa, uma língua que na maioria das vezes sabem falar. A mesma coisa acontece também no ensino, política, e relações internacionais, usa-se o português pela consciência de que há muitas línguas naquele país mas a maioria das pessoas fala e entende o português. Falar em português revela-se uma grande vantagem comunicativa.

Portugal, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, e Timor-Leste pertencem a uma organização chamada Comunidade dos Países de Língua Portuguesa ou CPLP. Esta organização é um belo exemplo do uso do português como língua franca, que

“visa o reforço da amizade mútua e da cooperação entre os seus países membros.” Os países membros consistem de Guiné-Bissau, Angola, Portugal, Timor-Leste, Cabo Verde, Moçambique, Brasil e São Tomé e Príncipe. Foi criada em 1996. Os seus objectivos são exercer a “harmonia política e diplomática entre os seus Estados membros, a cooperação entre as nações constituintes em todos os domínios, o desenvolvimento de projectos de promoção e divulgação da língua portuguesa. A paz, democracia, direitos humanos, justiça social e estado de direito são os objectivos a que se votam os membros da CPLP de acordo com os princípios por que se regem, com vista à promoção do desenvolvimento e da cooperação mútua” (“Comunidade”).

II PARTE

Vim de qualquer parte
de uma Nação que ainda não existe.
Vim e estou aqui!

Não nasci apenas eu
nem tu nem outro...
mas irmão.
Mas
tenho amor para dar às mãos-cheias.
Amor do que sou
e nada mais.

E
tenho no coração
gritos que não são meus somente
porque venho dum país que ainda não existe.

Ah! Tenho meu amor à rodos para dar
do que sou.
Eu!
Homem qualquer
cidadão de uma nação que ainda não existe

José Craveirinha (1964)

Contexto Pós-colonial de Moçambique

Depois da Segunda Guerra Mundial, paulatinamente muitas colónias dos outros países foram descolonizadas e já podia ser condenado o colonialismo. Os povos das colónias portuguesas “começaram também a procurar a sua autodeterminação e isto causou a Guerra Colonial” (“Estado”, 47). Esta guerra durou 13 anos (1961-1974) e “ [foi] um confronto entre as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação de Guiné, Moçambique, Angola” (“Estado”, 52).

Não obstante, as colónias viveram séculos sob o domínio de Portugal. Faz sentido, por conseguinte, que a língua portuguesa tenha sido deixada nas colónias após a independência. Portanto, estas recém-criadas nações usam o português para comunicar entre si. Vejamos Moçambique como exemplo.

Após a Guerra Colonial, resultando em que Moçambique recebesse a sua independência, a língua portuguesa era falada por um grupo minoritário de moçambicanos e eles viviam particularmente nos centros urbanos. Para eles, o português era uma segunda língua que aprenderam na escola. Desde o tempo colonial a língua portuguesa era associada ao “prestígio e à ascensão social”. Com a independência de Moçambique este símbolo não desapareceu; aliás, a língua portuguesa é vista como “ [u]m símbolo de unidade nacional e como língua oficial”. Isto deve-se ao movimento FRELIMO, Frente de Libertação de Moçambique (Firmino, 5).

A FRELIMO foi um movimento de libertação (que consistia em vários grupos políticos anti-coloniais), com o objectivo de lutar pela independência de Moçambique. A FRELIMO foi fundado em 1962 na Tanzânia, por moçambicanos exilados que tentaram derrubar o domínio português no seu país. A organização obteve o apoio de países comunistas e países da Europa Ocidental e construiu uma força de milhares de guerrilheiros. Depois de obter a independência de Portugal, a FRELIMO formou o partido do governo de Moçambique, em 1975 (“Frelimo”).

No tempo de Guerra Colonial, a FRELIMO decidiu usar o português como língua franca entre os moçambicanos, que eram de diferentes origens. Isto para manter a unidade e porque em Moçambique existem várias tribos que falam línguas diferentes. Em 1975, o governo adoptou a língua portuguesa como língua oficial. Assim, o português foi adoptado quase sem problemas por Moçambique (depois da independência) por causa da FRELIMO, que o tinha usado no início da luta pela

independência. Consequentemente, usou-se o português nos domínios públicos. Para mais pessoas aprenderem o português havia campanhas de alfabetização e expansão da educação (Firmino, 5-6). Segundo Firmino:

“O português está á enraizar-se se no contexto do Moçambique pós-colonial e por isso esta á sofrer um processo de nativização. Este processo corresponde ao desenvolvimento de uma nova ideologia linguística, que faz as autoridades oficiais e [o] público reconheçam o português como símbolo de unidade nacional, e como língua oficial” (Firmino, 7).

Como ficou dito, o português é frequentemente usado como língua franca, sobretudo nos sítios onde se encontram pessoas de origens diferentes. Por exemplo, se em Maputo alguém se dirige a uma pessoa que não conhece numa das línguas locais, ela pode ficar ofendida (Firmino, 8). Note-se a anedota de um residente de Maputo (a propósito, a palavra machimbo quer dizer autocarro):

“(...) Todos os dias, qualquer que seja, quando ele chega à paragem dos machimbombos, pergunta-me se sou o último na bicha. Mas esta pergunta é feita na língua local. Como não oiço, limito-me a responder em macua ou em ajaua que é a língua que conheço. Então a pessoa fica logo um pouco aborrecida comigo. Então logo começa a discussão, dizendo ele que não podia responder em macua ou em ajaua. Pergunto eu em que dialecto posso responder? Ronga, changane, xitsua? Se eu não conheço! *Peço aos naturais quando não conhecem a pessoa é bom falarem com ela em língua oficial porque o ser da mesma raça não significa nada. Somos de vários dialectos*” in *Tempo* no. 555, 31/Maio/1981, p. 50, o destaque é meu (Firmino, 8).

Moçambique escolheu a língua do colonizador como língua oficial ao contrário das línguas nacionais africanas. “O português era a única língua que poderia nivelar as diferencias entre as línguas” (Santana e Facco, 21). Era difícil impor uma dessas línguas como língua nacional. “A razão era política: não privilegiar nenhum grupo étnico, a fim de evitar uma guerra civil entre tribos. Assim evitara-se que o país se dividisse, mantendo-se como uma só Nação-Estado” (Santana e Facco, 21).

“[...] uma vez que não existia uma cultura comum, os novos governos viram se impossibilitados de elevar um dos múltiplos vernáculos ao estatuto de língua nacional, devido ao receio de alienar grupos linguísticos minoritários. Foi por esta razão que a maioria dos estados africanos decidiu manter como língua oficial a língua da sua antiga potência colonizadora – quer o inglês, o francês ou o português. A língua em questão, apesar de ser estrangeira na origem, tinha indubitavelmente a enorme vantagem de ser neutra. Hull 2002, p.31” (Santana, 59).

“ [P]ara muitos moçambicanos a língua portuguesa é positiva por ser neutra na sociedade moçambicana, promove a integração de Moçambique na cultura mundial e ser multiétnica” (Santana, 66). Outras pessoas acham que, pelo contrário, não promove integração mas sim aliena a identidade moçambicana. Depois de ter obtido a independência, esta nova nação sentia-se um pouco perdido: o que era afinal a identidade moçambicana? Então Moçambique foi à procura da sua identidade e começou a (re)construí-la. Fez isso usando, nomeadamente, a língua portuguesa. O facto de o português ser a “[l]íngua oficial uniu povos de diversas etnias, culturas diferentes e particularmente num objectivo maior, a (re)construção da identidade do povo moçambicano” (Santana e Facco, 21). Esta união pode ser algo considerado como moçambicanidade: “um projecto de criação duma nova identidade nacional, cultural e pós-colonial” (Szmidt, 5).

Não sem polémica, a literatura reflete esta tendência. Por conseguinte, muitas obras de literatura moçambicanas são também escritas em português. Autores conhecidos são por exemplo, Paulina Chiziane (1955-), Mia Couto (1955-), José Craveirinha (1922-2003), Noémia de Sousa (1926-2003), Rui Knopfli, (1932-1997) e Ungulani Ba Ka Khosa (1957-).

Veja-se um exemplo sobre a língua portuguesa como língua franca, na opinião da autora Paulina Chiziane:

“Nós temos língua própria, mas o sistema colonial definiu que a educação só pode ser em português. Então nós tivemos de aprender duas ou mais línguas. Penso que não é só um problema meu. A maioria do povo moçambicano fala mais de uma língua. É verdade que agora domino melhor a língua portuguesa. É que me casei com um homem que é do norte e fala outra língua. Então, nossa comunicação sempre foi em português. Já os meus filhos tiveram o português como primeira língua. Mas os mais velhos, a situação é essa. A língua exerce em Moçambique, mais do que em outro país lusófono, um papel de unificação. Se nós não tivéssemos a língua portuguesa, não teríamos como nos comunicar” (França e Maputo).

Uma coisa notável em Moçambique é como o povo moçambicano usa a língua portuguesa: usa variantes de português. Não é o padrão europeu mas uma língua tornada sua; é um português “moçambicano”. Moçambique e o Brasil são mais ou menos comparados quando se trata de língua. Pode dizer-se que o Brasil foi um exemplo para Moçambique. Segundo autor Mia Couto:

“ O Brasil mostrou que não há um português puro e isso afirmou a identidade da língua portuguesa moçambicana, um português que mostrou que havia pluralidade, outras culturas que manejam o idioma com mesma dificuldade e a mesma alegria” (Junior).

No Brasil há varias regiões onde se fala um português diferente, o português do norte não é o mesmo do sul, a mesma questão se verifica em Moçambique. A autora Paulina Chiziane confirma que há vários tipos de português em Moçambique, por exemplo se for a Nampula (província ao norte do país) vai ouvir um português, na região centro-norte vai ouvir um outro (França e Maputo). O Brasil tem o seu português e isto aplica-se também a Moçambique. Moçambique está a construir o seu próprio português, esse português que é influenciado pelos idiomas como inglês e as línguas maternas que são faladas ali. Segundo Fátima Ribeiro, Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, “o português de Moçambique é, em termos de vocabulário, gramática e estrutura, naturalmente diferente. O português falado em Moçambique é diferente do falado noutros países lusófonos” (Moçambique, 2011). Vejamos algumas palavras e verbos desse português particular : “bichar” (formar uma fila), “depressar” (ir depressa), “machimbombo” (autocarro), “agorinha” (agora mesmo), “desconseguir” (não conseguir), “matabicho” (pequeno-almoço), “cronicar” (escrever ou fazer crónicas) (“Português de”).

Os autores Mia Couto e José Craveirinha são uns belos exemplos deste português moçambicano: Veja-se um exemplo de José Craveirinha, da poema chamada “A fraternidade das palavras”, junto a tradução das palavras: *m'benga* (pote de barro), *mamanas* (mulheres), *rongas* (dialecto), *ganguissam* (namoram), *satanhoco* (uma coisa que não presta), (Craveirinha).

“O céu/é uma *m'benga*/onde todos os braços das *mamanas*/repisam os bagos de estrelas./Amigos:/as palavras mesmo estranhas/se têm música verdadeira/só precisam que as toque ao mesmo ritmo para serem/todas irmãs./E eis que num espasmo/de harmonia como todas as coisas/palavras *rongas* e algarvias *ganguissam*/neste *satanhoco* papel/e recombina em poema” (Craveirinha).

Agora veja-se um exemplo de Mia Couto, do livro "O último voo do flamingo:

"Aprenda isto, amigo. Sabe por que gostei de si? Foi quando lhe vi atravessar a estrada, o modo como andava. Um homem se pode mentir pelo jeito como anda. Você caminhava, *timiudinho*, faz conta um menino que sempre se dirige para a lição. Foi isso que apreciei. O senhor é um homem bom, eu vi desde-desde. Lembra que falei consigo no primeiro dia da sua chegada? Lá de onde o senhor vem também há os bons. E isso me basta para eu ter esperança. Nem que seja só um. *Unzinho* que seja, me basta" (Couto, 2004, 183).

A língua e a oralidade na literatura moçambicana

Na altura da independência, Moçambique começou a construir sua identidade nacional, tentou criar o seu Moçambique, “um Moçambique que ainda não existia como nação” (Chabal, 1994, 53). Esta luta por uma identidade nacional foi também realizada pela literatura, os escritores queriam construir uma literatura nacional ou seja “uma literatura específica de Moçambique” uma literatura de *moçambicanidade* (Chabal, 1994, 53). Alguns escritores significantes que ajudaram na construção de moçambicanidade foram: José Craveirinha, Mia Couto, Noémia de Sousa, Orlando Mendes e Albino Magaia.

Nos tempos coloniais o termo “africano” foi associado, pelos europeus, a palavras negativas como, “indolente e “incapaz”. “As sociedades africanas foram entendidas como sem arte, sem história, sem cultura e sem escrita” (Campos, 9). Para alterar esta imagem a “presença europeia seria uma ajuda” (Campos, 9) para os africanos ultrapassaram os seus atrasos. O modo de viver europeu seria como um modelo para os africanos, por exemplo ter escritas numa língua europeia, escrever numa forma europeia, ter uma cultura europeia, isto é, ter costumes europeus. Quando começaram a construir as literaturas africanas, “[f]oram recusadas a literatura, porque não pertenceram ao pensamento colonial” (Campos,10).

Para criar uma literatura africana e não europeia os escritores decidiram de adicionar elementos nas suas obras, por exemplo a “oralidade, a desconstrução gramatical da língua oficial, a mitificação do passado glorioso, o aspecto de denúncia, o intenso compromisso político e o uso de línguas e expressões culturais nativas” (Campos, 10). Desta forma, os escritores afastaram-se da perspectiva colonial e criaram alguma coisa que pudesse ser vista como verdadeiramente africana. Este processo/ afastamento pode ser encontrado por exemplo na poesia de Noémia de Sousa (Campos p.10).

Uma característica extremamente forte de Moçambique é a oralidade. A oralidade é um factor muito importante da cultura africana, é um dos factores que representa a identificação nacional (Campos p.10).

As culturas de Moçambique são orais por isso é que a literatura moçambicana só se podia desenvolver através “do uso dum língua colonial europeia. A literatura nacional desenvolveu-se numa língua estrangeira com poucas raízes culturais moçambicanas” (J. Lopes, 4). Após Moçambique conseguir a independência, quase não havia literatura em línguas autóctones moçambicanas. O nível de analfabetismo em Moçambique era muito alto e o número de moçambicanos que sabiam escrever era baixo. (Chabal, 1996, 93-94)

“[H]avia poucos africanos letrados para criar uma literatura africana de língua portuguesa com raízes na cultura oral” (J. Lopes, 2). Assim a sua cultura permaneceu oral e “não houve uma ligação entre essa literatura oral e a cultura escrita em português” (J. Lopes p.2).

A oralidade é muito tradicional e é passada na família de geração em geração. A oralidade é parte da vida quotidiana e pode-se encontrá-la por toda parte, por exemplo na “religião, na história, divertimento e recreação, ciência natural, tudo o que é considerado importante para uma sociedade. Este conhecimento é passado através de histórias, mitos, músicas, contos, provérbios etc.” (Campos, 12).

Paulina Chiziane, portanto, cresceu com a oralidade e diz que é um fator muito importante na sua cultura e ‘a palavra falada’ é “o elo mais forte da sua escrita”:

“A minha raiz cultural é uma raiz puramente africana, embora com muitas influências da cultura que dominou. A minha avó, a mãe da minha mãe era uma contadora de histórias muito célebre. Vinha gente de muito longe para a ouvir contar histórias, claro que nos fins-de-semana, nos dias de festa. Mas para nós em casa, sempre que houvesse uma noite de lua cheia... De manhã, a avó dizia-nos para irmos procurar lenha no mato. Íamos cedo, arrumávamos tudo, púnhamos tudo em ordem...Fazíamos uma fogueira e ficávamos a assar o milho verde, comíamos e ficávamos a contar histórias. Portanto os meus filhos e os filhos das minhas irmãs ainda hoje continuam neste processo de tradição oral” (Chabal, 1994, 297).

A oralidade tem um efeito enorme na escrita da língua portuguesa, a oralidade muda a escrita da língua portuguesa. A oralidade desempenha um papel importante quando falamos de literatura africana, particularmente em uso com a língua portuguesa. Através da utilização de oralidade os elementos africanos vão destacar-se. Os autores africanos alteram assim a morfologia e a sintaxe portuguesas, misturam as línguas locais com o português, usam expressões nativas, criaram termos “através de processos de amálgamas” (Campos, 13). Então já não é uma língua do opressor, mas é uma língua do povo, “um veículo de libertação” (Campos, 13). A este processo chama-se ‘africanização’.

O primeiro presidente de Moçambique e líder revolucionário, Henrique Terreiro Galha, disse em finais de 1975 que “a língua portuguesa mudou de conteúdo e deve ser o nosso português de moçambicanos” (Moçambique, 2011). Disse também que “a língua portuguesa precisava de se transformar de um instrumento de despersonalização e opressão, num veículo de comunicação do povo” (“Moçambique”, 2011).

Para Paulina Chiziane é difícil escrever em português porque diz que há coisas que não pode expressar somente em português, tem de fazê-lo na língua em que as coisas foram contadas. Diz que tem de 'recriar a língua':

"Posso dizer que a oralidade é o elo mais forte da minha escrita. Para mim a oralidade dá mais dinâmica à palavra. Não gosto da palavra escrita que não se pode <ouvir>. Para mim essa história de se ser bilingue, ou trilingue, ter uma cultura africana e escrever numa língua europeia é um grande dilema. Porque, muitas das ideias, que eu tenho, as ideias mais belas e mais profundas, tenho-as na língua em que as coisas me foram contadas... Eu não quero escrever em português, não estou interessada em ser uma escritora de língua portuguesa, estou interessada em ser uma escritora africana de expressão portuguesa. Ao querer ser uma escritora de expressão portuguesa eu tenho esses problemas, porque eu não consigo traduzir directamente as coisas como elas são para uma outra língua sem ser a minha. Tenho que recriar a língua, e neste processo de recriação muitos valores se perdem" (Chabal, 1994, 300).

Segundo Mia Couto, a língua portuguesa não pode capturar a realidade africana sozinha, por isso é que deve incorporar elementos que possam simbolizar os significados da África. Mia diz também que as oralidades, 'essa mutação' é nada mais de que uma maneira africana de contar coisas africanas usando a língua portuguesa (Campos, 14).

Segundo Lopes, Mia Couto é um exemplo de oralidade. "[M]ia recria a oralidade por meio de criatividade lexical e uma sintaxe que faz a ponte entre a oralidade e a pura invenção" (J. Lopes).

Hoje em dia, a literatura moçambicana existe entre dois mundos culturais, a saber a escrita europeia e a oralidade africana. A literatura moçambicana de língua portuguesa trouxe modernidade às literaturas africanas, que resultou numa coexistência entre o novo (escrita) com o antigo (oralidade), que fazem parte dum discurso híbrido (J. Lopes). Falamos sobre a literatura moçambicana mas segundo Mia Couto e Paulina Chiziane ainda não existe uma literatura. "[Há] escritas mas a literatura moçambicana ainda se está a desenvolver, a nascer" (Junior) e (França e Maputo).

Os escritores ajudaram muito com a construção identitária de nação. Os seus estilos de escrever, usando o português misturado com as línguas/influências moçambicanas, tornaram esta língua misturada numa língua de moçambicanidade.

Segundo Mia Couto, o idioma português não é a língua dos moçambicanos, é a língua da moçambicanidade.

“Há 30 anos, a Frente de Libertação de Moçambique, viu no idioma lusitano uma arma para a unificação do país e a construção da Nação. Aquele instrumento que servira a dominação colonial se convertia, um troféu de guerra, um pilar de afirmação” (Couto, 2003).

O escritor acha que “todos os escritores moçambicanos escrevem em português porque sentem em português, vivem em português. Mas, é já um português outro, uma língua afeiçoada à cor e à textura da nação moçambicana” (Couto, 2003). E afirma ainda que a influência: é, e sempre foi, mútua e dialéctica:

“E mesmo se nos quisermos abster à influência das línguas bantus nascidas depois do tempo das caravelas: há quanto tempo palavras como minhoca, cambada e candonga e tantas outras se instalaram na língua portuguesa? Pois eu vos digo, tomando apenas um exemplo: a palavra minhoca instalou-se no século VXI e hoje a maior parte dos portugueses nem sequer suspeita da sua origem longínqua. Meus amigos, a verdade é a seguinte: a lusofonia não começou hoje. A nossa língua comum foi construída por laços antigos, tão antigos que por vezes lhes perdemos o rasto” (Couto, Cartão, 2007).

Futuro de língua portuguesa como língua franca (Moçambique)

A língua portuguesa é considerada como um troféu da guerra, que unificou e construiu a nação moçambicana. "O português tem cada vez mais transitado de língua oficial para a de cultura", diz Mia Couto. Em 1975 cerca de 80 por cento da população moçambicana não falava português mas hoje o português é a língua mais falada em Moçambique. Além disso, ganha cada vez mais sucesso entre a população jovem que vive nas zonas urbanas. Sempre é dito que os jovens são o futuro, se olharmos para os números, o futuro do português como língua franca parece ter boas expectativas. Conforme o Instituto Nacional de Estatística (INE) de Moçambique, 90 por cento dos moçambicanos que vivem nas zonas urbanas falam português como principal língua de comunicação, 9 por cento fala português em casa e 6.5 por cento tem-na como língua materna ("Moçambique", 2010).

É um facto: o número de falantes do português está a crescer, principalmente nas zonas urbanas. Na cidade de Maputo vivem 960 mil habitantes e a metade das pessoas tem o português como língua materna. "[O] número de adeptos do português na capital moçambicana é elevado entre crianças dos cinco aos nove anos (85.603), no entanto, os residentes de Maputo os 35 e 39 anos são os que menos dominam a língua portuguesa" diz o INE ("Moçambique", 2010). Isto pode ser explicado pelo facto que esses residentes pertencerem à geração que falava pouco português nos primeiros tempos de independência do país.

Nas zonas rurais fala-se menos português porque "há pouca motivação e poucas situações em que é necessário usar o português considera Perpétua Gonçalves, na obra intitulada "Português de Moçambique: uma variedade em formação" ("Moçambique", 2010).

Como foi dito, o futuro de língua franca portuguesa parece ter boas expectativas. Mas segundo Mia a língua portuguesa em Moçambique vai tomar um outro rumo. Não o padrão europeu, mas o português de Moçambique vai ser a língua de futuro em Moçambique. A língua portuguesa pode não ser a língua futura de Moçambique mas sim a língua portuguesa misturada com as línguas locais (línguas bantus). Como Mia Couto diz, os moçambicanos estão a reinventar a língua portuguesa. Conforme Mia, "a língua portuguesa e as línguas de raiz africana fazem parte da identidade nacional e construção da modernidade em Moçambique" (Couto, reinvenção, 2007). As duas línguas, dançando uma com a outra. O autor afirma também que "os escritores de Moçambique actuam como timoneiros neste processo de construção identitária. Eles estão moldando um

idioma que esteja aberto a namorar com os outros idiomas de Moçambique” (Couto, reinvenção, 2007)

Mia Couto é um dos autores que está no caminho do futuro com a sua escrita. Ele quer “desalisar” a linguagem, acha que a linguagem é lisa, simples. “Desalisar” é ao contrário de liso, portanto o contrário de simples. Ele “desalisa” a linguagem ao dar-lhe textura, cor e volume. Neste caso, a língua portuguesa em Moçambique é “simples” e Mia “desalisa” a língua tornando-a numa outra língua. Com essa recriação está a tentar produzir “ um pensamento novo, um pensamento nosso”, ou seja um português realmente de Moçambique. “ O idioma, afinal, o que é senão o ovo das galinhas de ouro” (Couto, 1997).

Mia é conhecido por sua criatividade lexical e semântica: “A única coisa que eu posso dizer é que estou tentando criar... beleza, mostrar um pouco o que é a possibilidade de alguém fazer uma língua sua” (Chabal, 1994, 289). Depois de Mia ter lido algumas obras de Luandino Vieira (escritor angolano) e de João Guimarães Rosa (escritor brasileiro) pensou que também poderia fazer este trabalho de recriar a língua. O Brasil conseguiu-o com o português brasileiro, então ele pensou que podia fazer isto também mas com um “sabor moçambicano” (Chabal, 1994, 289). Segundo Chabal (Mia está “na vanguarda de integrar o português de Moçambique na sua escrita e de inventar uma nova linguagem” (Chabal, 1994, 68).

“[...] Entretanto, vamos criando uma língua apta para o futuro, veloz como a palmeira, que dança todas as brisas sem deslocar seu chão. Língua artesanal, plástica, fugidia a gramáticas” (Couto, 1997).

Mia Couto acha que o futuro da língua portuguesa não depende somente do número de falantes mas também do que os países fazem nas áreas não linguísticas. Veja-se, por exemplo, o Brasil como potência mundial. Como o Brasil “está-se afirmando como uma grande potência a nível mundial”, isto pode ter um efeito sobre o futuro da língua portuguesa, segundo Mia:

“O futuro da língua portuguesa é muito o futuro daquilo que seja a nossa afirmação - dos países que falam Português -, como países que podem ter um outro lugar no mundo, a nível da economia, a nível da política, a nível daquilo que possam ser exemplos de caminhos que são inovadores, que sejam alternativos a uma coisa que está muito fatigada, que é o discurso político que hoje domina o mundo” (“Mia Couto”, 2010)

“Acho que o futuro da nossa língua não depende só disso que é a grande bandeira do número de falantes, ou do peso demográfico que os brasileiros, portugueses, angolanos, moçambicanos, etc., possam ter, disse, sustentando que o futuro depende muito mais do que está a acontecer, por exemplo, no Brasil hoje [...]” (“Mia Couto”, 2010).

Conclusão

Depois de ler este trabalho, podemos chegar à conclusão de que o idioma português deixou uma grande marca no mundo.

Hoje em dia, o português é falado em vários países, tem 240 milhões de falantes e ainda está a ser utilizado como língua franca. Isto tem a ver com o fato de que Portugal teve muitas colónias pelo mundo e ainda hoje as marcas são visíveis.

O que é uma língua franca? Uma língua franca é usada como uma língua de comunicação dentro de um grupo das pessoas que tem diferentes origens. Hoje em dia a língua franca no mundo é o inglês.

Mas como e porquê surgiu a língua franca portuguesa? Portugal criou um grande império marítimo; dominou o comércio internacional e, portanto a língua portuguesa tornou-se numa língua franca. Se queria negociar, tinha de se aprender a falar português. Os portugueses tinham colónias na África, Ásia e América, e o português era falado nestes continentes. Isso mostra que o idioma português começou a crescer rapidamente. Devido a este crescimento vários pidgins e línguas crioulas começaram a surgir. Especialmente na Ásia a língua franca portuguesa era muito dominante porque lá havia muito comércio.

Depois de um certo tempo, Portugal perdeu o seu império marítimo e a sua posição de liderança no comércio. Outros países entraram no jogo e aos poucos o uso do português desapareceu, mas em alguns locais ainda se falava um pouco de português. Se o português não perdera a sua posição de liderança, poderia ser a língua franca de hoje em dia.

Portugal deixou a língua portuguesa nas colónias, dizem os escritores que é o troféu da guerra colonial. Hoje o português é a sexta língua falada no mundo com uma estimativa de 240 milhões de falantes. É a língua oficial do Brasil, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Angola e naturalmente Portugal. Em Macau e Timor-Leste, o português é uma das línguas oficiais. Uma pequena população de Goa ainda fala português. Para reforçar a amizade e cooperação entre os países lusófonos uma organização chamada Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) foi criada. Todos os países mencionados acima são membros, excepto Macau e Goa.

Mas ainda existe a língua franca portuguesa? O português ainda está a ser usado como língua franca, por exemplo, na CPLP e é usado principalmente na África. Se ainda existe então, onde e porquê se fala essa língua franca? Em países como por exemplo Angola e Moçambique há várias tribos que têm as suas próprias línguas. Para comunicar com os outros, eles usam o português como

língua franca. Tornou-se evidente nestes países a facilidade de escolher português como língua de comunicação.

Isto leva-nos ao caso de Moçambique. Como o idioma português se tornou parte da cultura moçambicana e da literatura é muito extraordinário e interessante de ver. Após a guerra colonial de 13 anos (1961-1974) Moçambique ganhou a sua independência. Nessa altura, apenas um grupo minoritário de moçambicanos que vivia nos subúrbios falava português, apesar de nessa altura, a língua portuguesa ser já a língua oficial. Português foi uma segunda língua que aprenderam na escola. Mas então porque é que o português é a língua oficial e não uma das línguas indígenas?

Durante a guerra colonial, a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) decidiu usar o idioma português como língua de comunicação, uma vez que o movimento era composto por pessoas de diferentes origens. Assim, a adopção do português como língua oficial de Moçambique revelou-se mais fácil para os moçambicanos. Em Moçambique existem várias línguas nacionais africanas e portanto decidiu-se ter português como língua oficial, desta forma nenhum grupo étnico estava a ser privilegiado. Pode dizer-se que o português uniu a nação como uma só. A língua uniu as pessoas de origens diferentes e contribuiu para a reconstrução da identidade moçambicana. Esta união pode ser considerado como moçambicanidade.

Em Moçambique, não se fala o padrão europeu, mas sim uma variante da língua portuguesa, um português de Moçambique. Pode perguntar-se porquê é que eles falam uma variante do Português? Moçambique queria transformar a língua do opressor numa língua de liberdade, uma língua a que podia chamar sua. Os moçambicanos estão a criar o seu "próprio" português, que é influenciado por línguas africanas faladas em Moçambique e também o inglês. Exemplos, desse português de Moçambique são as palavras "bichar" (formar uma fila), "depressar" (ir depressa) e "matabicho" (pequeno-almoço) (Português de Moçambique). Autores como José Craveirinha e Mia Couto usam este português de Moçambique nas suas obras.

Depois de ganhar a independência, os autores queriam ajudar a construir a identidade nacional de um Moçambique que ainda não existia como nação. Eles queriam construir uma literatura nacional, uma literatura que pudessem chamar sua, uma literatura de moçambicanidade. Para criar uma literatura africana, os autores incorporaram elementos africanos nas suas escritas, isso para torná-las menos europeias. Dessa forma, eles poderiam criar algo realmente africano. Um destes elementos é a oralidade.

A oralidade é muito importante para a cultura moçambicana, ela representa a identidade nacional. A cultura moçambicana é oral, então fixação da literatura moçambicana só podia acontecer através do uso de uma linguagem europeia (neste caso o português). Então, qual efeito tem a oralidade na língua portuguesa? A oralidade tem uma grande influência na escrita portuguesa, ela muda a estrutura do idioma português. Por exemplo, a morfologia e a sintaxe mudam, os idiomas locais são misturados com o português, expressões nativas são usadas. Pode até dizer-se que um idioma está a ser criando, uma língua do povo e não do opressor. Este processo é chamado africanização. Esta "nova" linguagem é utilizada por vários autores nas suas obras, Mia Couto é um deles. Segundo o escritor, a oralidade não é senão uma maneira africana de dizer coisas africanas usando o idioma português. Então, a linguagem usada na literatura moçambicana surge da língua portuguesa misturada com a oralidade africana. Os escritores estão a contribuir para a construção da identidade nacional de Moçambique. A sua forma de escrever (misturar o português com línguas locais) é uma maneira de moçambicanidade, é uma escrita de Moçambique.

A língua franca portuguesa foi utilizada muito no passado, e ainda está a ser usada em Moçambique, mas o que é que o futuro reserva? Depois de Moçambique receber a sua independência poucas pessoas podiam falar português, mas hoje em dia as coisas mudaram. Português é a língua mais falada em Moçambique (especialmente como língua franca, 90 por cento utiliza-a como uma linguagem de comunicação) e é a língua mais falada entre os jovens. Assim, podemos concluir que o número de falantes portugueses em Moçambique está a crescer e isto está a acontecer desde a sua independência. E poderá continuar a crescer, afinal a juventude é o futuro. Pode ser que no futuro o português seja falado na nação inteira. Todavia, Mia Couto acredita que não o padrão europeu vai ser o futuro, mas o português de Moçambique. Segundo ele os moçambicanos estão a reinventar a língua, eles estão a criar uma linguagem que pode ser chamada uma língua de Moçambique.

Referências

Livros:

Adler, Max K.

Pidgins, Creoles and Lingua Francas. Hamburg: Buske, 1977

Chabal, Patrick.

Vozes Moçambicanas: Literatura e Nacionalidade. Lisboa: Vega, 1994

Chabal, Patrick, et al.

The Postcolonial Literature of Lusophone Africa. London: Hurst & Company, 1996

Couto, Mia.

O ultimo voo do flamingo. Lisboa: Editorial Caminho, 2004

Lopes, David.

Expansão da língua portuguesa no oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII.
Porto: Portucalense, 1936

Ostler, Nicholas.

Empires of the word: a language history of the word. New York:
HarperCollins, 2005

Artigos e publicações:

Aguilar, Luís.

"A Língua Portuguesa na Galáxia das Línguas do Mundo e no Ciberespaço."

Teia Portuguesa, Língua Portuguesa. Consult. 19 Dez. 2011.

<http://www.teiaportuguesa.com/webquestslinguaportuguesa/nasgalaxiasdaslinguasdomundo.htm>

Campos, Josilene Silva.

"A Historicidade das literaturas africanas de língua oficial portuguesa." pp. 9-15 Consult. 09 Mar. 2012

http://www.cpgss.ucg.br/ArquivosUpload/16/file/Anais_I_Seminario_de_Pesquisa_da_Pos-Graduacao_em_Historia_UFG-PUC_Goias/pdfs/26_JosileneCampos_AHistoricidadeDasLiteraturas.pdf

"Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)."

In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. Consult. 05 Jan. 2012. [http://www.infopedia.pt/\\$comunidade-dos-paises-de-lingua-portuguesa](http://www.infopedia.pt/$comunidade-dos-paises-de-lingua-portuguesa).

Couto, Mía

"A reinvenção da língua portuguesa em Moçambique" *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 04 Maio 2007. Consult. 10 Jan. 2012

<http://www.ciberduvidas.com/articles.php?rid=1165>

"Língua Portuguesa: Cartão de identidade dos moçambicanos." *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 22 Jun. 2007. Consult. 10 Jan. 2012

<http://www.ciberduvidas.com/articles.php?rid=1279>

"Língua Portuguesa em Moçambique." *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 09 Maio 2003. Consult. 10 Jan. 2012

<http://www.ciberduvidas.com/articles.php?rid=709>

"Perguntas à língua Portuguesa" *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 11 Abr. 1997. Consult. 10 Jan. 2012

<http://www.ciberduvidas.com/articles.php?rid=118>

Craveirinha, José

"Fraternidade das palavras." *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 30 Jan. 2003. Consult. 03 Maio 2012.

<http://www.ciberduvidas.com/antologia.php?rid=617>

“Estado Novo e o 25 Abril.”

Rede Municipal de bibliotecas públicas do concelho de Palmela. Dossier temático dirigido às Escolas, Nov. 2009. pp. 47-52. Consult. 18 Jan. 2012 <<http://www.cm-palmela.pt/NR/rdonlyres/2699A4EF-465D-4C5E-B8D7-C4544B81B2B0/39793/ESTADONOVOE25DEABRIL.pdf>>

Faraco, Carlos Alberto.

“Língua portuguesa: um breve olhar sobre sua história.” *Português: um nome, muitas línguas*. Salto para o futuro Boletim 08, Maio 2008. pp.13-14. Consult. 20 Dez. 2011

http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164032Port_ling.pdf

Firmino, Gregório.

“Processo de transformação do português no contexto pós-colonial de Moçambique.” *Faculdade de Letras e Ciências Sociais*, 25 Mar 2008. pp.5-11. Universidade Eduardo Mondlane-Departamento de Linguística e Literatura. Consult. 10 Jan. 2012.

“Frelimo”

Encyclopedia Britannica, 2012. Consult. 13 Mar. 2012

<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/218869/Frelimo>

França e Maputo.

“Um Moçambique de histórias” (entrevista a Paulina Chiziane) *Revista Língua Portuguesa*. Consult. 15 Fev. 2012

Junior

“A voz de Moçambique” (entrevista a Mia Couto). *Revista Língua Portuguesa*. Consult. 15 Fev. 2012

Lopes, José de Sousa Miguel

“Cultura Acústica e cultura letrada: o sinuoso percurso da literatura em Moçambique”

“Mia Couto: futuro do português depende da afirmação dos países lusófonos na cena mundial.” *Público*,

25. Mar. 2010. Consult. 22 Fev. 2012 http://www.publico.pt/Cultura/mia-couto-futuro-do-portugues-depende-da-afirmacao-dos-paises-lusofonos-na-cena-mundial_1429330

“Moçambique: português enquanto língua da Moçambicanidade.”

Diário Liberdade, 17 Maio 2011. Consult. 10 Fev. 2011 http://www.diarioliberalidade.org/index.php?option=com_content&view=article&id=15684:mocambique-portugues-enquanto-lingua-da-mocambicanidade&catid=76:linguaeducacom&Itemid=87

“Moçambique: Português ganha espaço na população jovem.”

Diário Liberdade, 24 Mar. 2010. Consult. 16 Mar. 2012
<http://www.diarioliberalidade.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1340:mocambique-portugues-ganha-espaco-na-populacao-jovem&catid=76:linguaeducacom&Itemid=87

“Português de Moçambique”

Wikipedia, 6 Mar. 2012. Consult. 18 mar. 2012
http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugu%C3%AAs_de_Mo%C3%A7ambique

“Português no mundo”

Só Português, 2007-2012 Consult. 29 Dez. 2011
<http://www.soportugues.com.br/secoes/portuguesMundo.php>

“Remarks on the history of Portuguese”.

Promoção da Língua Portuguesa no mundo (relatório da reunião de trabalho). Fundação Luso-Americana, 5 Nov. 2007. pp. 59-62. Consult. 03 Jan. 2012
<http://www.flad.pt/documentos/1216226048S9qMG0he4Yh87DC6.pdf>

Santana, Beatriz Pereira de

“A difusão da língua portuguesa no contexto multilingue moçambicano”
Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Universidade de Évora, 2010. Consult. 20 Dez. 2011
<http://www.flad.pt/documentos/1216226048S9qMG0he4Yh87DC6.pdf>

Santana e Facco

“Identidade e construção” *Alunos do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie*. Consult. 11 Jan.2011
http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume_5/identidade_e_construcao.pdf

“Síntese da Intervenção de Nicholas Ostler”

Promoção da Língua Portuguesa no mundo (relatório da reunião de trabalho). Fundação Luso-Americana, 5 Nov. 2007. pp. 25-27. Consult 20 Dec.2011
<http://www.flad.pt/documentos/1216226048S9qMG0he4Yh87DC6.pdf>

Teles, Ana Filipa

“Portugal beyond its borders” Consult. 20 Dez. 2011
<http://www.culturaldiplomacy.org/pdf/case-studies/portugal-and-cd.pdf>